

INTERDISCIPLINARIDADE: VELHO OU NOVO PENSAR? (REPENSANDO TEORIA E PRÁTICA NO PROJETO "CONTEXTUALIZANDO AS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO")

Ilda Maria Baldanza Nazareth Duarte¹
Vera Lucia de Souza Neves²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar experiências vividas no projeto “Contextualizando as grandes áreas do conhecimento”, parceria UNIG-SEEDUC-RJ, cujo público-alvo foi composto por professores do Ensino Médio da Rede Estadual”. Buscou-se um enfoque interdisciplinar que contemplasse a integração das disciplinas, delineando-se um conjunto de atividades de caráter cognitivo e cultural. Utilizou-se como metodologia a distribuição de 40 horas em módulos, contemplando Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, para fins de elaboração, junto com os professores cursistas, de projetos educacionais interdisciplinares. O fio condutor centrou-se na reflexão das práticas cotidianas, planejamento das aulas, produção de materiais didáticos, avaliação, ressaltando as contribuições das novas tecnologias, vivenciadas no chão das escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade. Contextualização. Compromisso. Coletividade. Transformação.

Introdução

O relato que se segue são reflexões do pensar interdisciplinar fundamentado em Fazenda (1993), Japiassu (1976), Lück (1999) e outros como parte do instrumental teórico do Curso. “Contextualizando as grandes áreas do conhecimento”, projeto em parceria SEE/RJ – UNIG, compreendido entre outubro de 2001 a fevereiro de 2002, na Região Metropolitana I, que abrange os municípios de Nova Iguaçu, Mesquita, Queimados, Japeri e Nilópolis. O número de professores atendidos foram aproximadamente 920, docentes das turmas do 2º segmento do Ensino Fundamental, hoje, 6º ao 9º ano do Ensino Médio.

Os projetos foram construídos no decorrer do curso, no sentido de comprometer o professor e desenvolver a criatividade, ressaltando que muitos deles já foram postos em práticas, com sucesso, nas respectivas unidades de ensino o que desmitifica a ideia de que os professores não estão abertos às mudanças, muito pelo contrário, a qualidade dos projetos

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade do Minho e Membro da Equipe do Portal da Educação conexão professor-conexão aluno da SEEDUC/RJ. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Iguaçu..

² Doutoranda em Educação pela Universidade do Minho. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Iguaçu.

elaborados demonstrou sensibilidade ao processo de transformação da educação, além de serem maduros e participativos, pois sabem que a interdisciplinaridade é uma necessidade do mundo de hoje, uma vez que não há lugar para um só conhecimento isolado. Ele se processa em redes, conectados. Para quê? E por quê os conhecimentos necessitam ser compactados, unificados? São perguntas essenciais do processo ensino-aprendizagem no transcorrer do curso. Ficou claro que os atores sociais envolvidos possuem a responsabilidade e o compromisso, que no dizer de Fazenda, são condições *sine qua non* do sucesso no trabalho interdisciplinar.

1. INTERDISCIPLINARIDADE

1.1. Breve histórico

Quando a civilização ocidental desabrochou entre os gregos no século VI AC, o mundo e seus elementos eram vistos como unidade. Esta cultura não separava filosofia, ciência, arte e religião. Havia apenas o conhecimento, a investigação do fenômeno em sua totalidade.

Hoje, a civilização da qual fazemos parte, nos tem apresentado a natureza como algo fragmentado entre nós, em pedaços como se fosse parte de um todo.

Em nossas mentes, foi forjada uma concepção de mundo onde os fatos, os fenômenos e a existência se apresentam de forma fragmentada e desconexa, cuja consequência é angústia, a incompreensão da totalidade, do medo e do sofrimento, além de se destacar as dificuldades enfrentadas na aprendizagem.

A divisão do conhecimento entre disciplinas científicas e acadêmicas, ou entre formativas e aplicadas, não se deve a uma divisão natural dos objetos na natureza, mas a diferentes tradições de trabalho, estabelecidas por razões históricas e institucionais. Elas não consistem, simplesmente, em corpos de ideias e conceitos diferenciados, mas em grupos sociais concretos, cada qual com histórias, valores, normas e hábitos de trabalhos próprios.

No final do século XX, surgiu a orientação pela busca da unidade. Exemplo político-geográfico, na Europa, é a desvinculação de suas fronteiras com a unificação da moeda “o euro”. Na América do Sul, temos o movimento pela unificação dos países do “Cone Sul”. No Brasil, especificamente na cidade de Brasília está situada a Universidade Holística (do grupo *holos* = totalidade), a qual parte do pressuposto que todos os fenômenos ou eventos se

interligam e se inter-relacionam de uma forma global e de que tudo é interdependente, o holismo tenta ser uma resposta à perigosa e à alucinante tendência fragmentária e reducionista do antigo paradigma. É um novo sistema de aprender “aprender a aprender” (DELORS, 2002).

No bojo do século XXI, e no contexto da internacionalização caracterizada por uma intensa troca entre os homens, a interdisciplinaridade assume um papel de relevância na educação, propiciando novos saberes como também novas leituras da realidade social e das suas dimensões socioculturais, num mundo globalizado.

Seria um equívoco, no entanto, supor que a interdisciplinaridade tenha um conteúdo bem definido que possa ela mesma, ser institucionalizada, ou que termine por abolir as diferenças, e até mesmos os abismos de comunicação que existem entre diversas tradições de trabalho.

Não existem disciplinas que sejam por natureza mais “formativa”, “críticas”, “fundamentais”, “reflexivas” ou “abrangentes” do que outras; estes atributos precisam ter significação entre as pessoas ou grupos e não com áreas de conhecimento ou atividade profissional.

É a volta às raízes, esse “re-nascimento” da visão holística do mundo, que constitui a essência da interdisciplinaridade, como destaca Fazenda (1999):

Ser interdisciplinar é saber que o universo é um todo, que dele fazemos parte, como fazem parte do oceano as suas ondas. Num momento a própria substância oceânica se encrespa, se agita, toma forma e se diluem sem jamais ter-se do seu todo separado ou ter deixado de ser o que sempre foi.”

1.2. O novo paradigma científico

Para Capra (1996) a Interdisciplinaridade tem as seguintes características:

- 1º - Entre o todo e parte – o fundamental é o todo;
- 2º - O pensamento como processo e conhecimento;
- 3º - Importância do observador no observado;
- 4º - Conhecimento em constante construção;
- 5º - Não existe verdade absoluta;
- 6º - Mudar a atitude de dominação e controle da natureza, para um comportamento cooperativo e de não violência.

Da citação acima se entende:

1º O todo é fundamental, na compreensão da Unidade e não a fragmentação, prática exercida e tão criticada na atualidade;

2º O pensamento necessita ser desenvolvido na “práxis” de sala de aula. Hoje, sabe-se que os alunos necessitam desenvolver o hábito de pensar, refletir para tomar decisões;

3º O desenvolvimento da observação faz-se necessário para que tanto aluno como professor passem a ver tudo está no contexto, tanto da vida particular como na vida profissional. A observação facilita as relações interpessoais e a solução dos problemas. A vida moderna provoca muita correria o que facilita passar por cima de situações e problemas, que deveriam ser estudadas, além de desenvolver o espírito científico e conseqüentemente um futuro pesquisador.

4º O mundo moderno é caracterizado pelo avanço da ciência e da tecnologia, logo o conhecimento não é imutável e todos necessitam estar cientes da necessidade de mudar todo tempo, a toda hora.

5º Se o conhecimento é mutável a verdade não é absoluta e nem a minha verdade é a do outro, por isso é preciso respeitar as diferenças, as multiculturalidades. Precisamos ouvir o outro e estar ciente que há muitas verdades. O mundo não é só o ocidental, e oriental e as diversas culturas e religiões? Como ficam?

6º A sociedade violenta necessita de paz. Como consegui-la? Somente a partir do exercício premente de mudanças, e aceitação do outro como se apresenta. Sem o desejo de dominar, mas sim no cooperar, somar, coletivizar-se. A natureza também necessita de nossa cooperação para ser preservada naquilo que só irá beneficiar a humanidade.

A unidade e a totalidade do Universo, a cada instante, se fazem presentes embora a ciência e as demais áreas do conhecimento houvessem se esquecido delas e tentassem se erguer a partir dos fundamentos que as excluía, suas vozes estavam sempre ecoando, elevando muitos a discordarem da forma de ser da ciência oficial – era a legião dos que hoje são denominados de interdisciplinares.

Interdisciplinaridade é uma atitude, isto é, uma externalização de uma visão de mundo, pois interdisciplinaridade tem em sua conjunção:

Inter: significa a posição ou ação intermediária, reciprocidade, interação.

Dade: guarda a propriedade de substantivar alguns objetivos, atribuindo-lhes o sentido de ação ou resultado de ação, qualidade, estado ou, ainda, modo de ser.

Disciplina: significa a *epistemé*, podendo também ser caracterizada como ordem que convém ao funcionamento de uma organização.

Interdisciplinaridade, enquanto dinâmica, recupera o homem do esfacelamento e da mutilação do seu ser ou do pensar fragmentados.

A ação unificadora do conhecimento resgata na dialética homem-mundo a possibilidade de serem educadas as novas gerações em uma outra perspectiva.

O conceito de interdisciplinaridade não é unívoco, está sujeito ao conflito de interpretações, ele ainda não se firmou como um novo paradigma, daí alguns autores defenderem a interdisciplinaridade apenas como atitude, ou como metodologia.

Apesar das distinções terminológicas serem diversas, o princípio delas é sempre o mesmo: a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

Neste sentido, afirmam Delizocov e Zanetic In Pontuschka (1993, p.13):

A concepção de trabalho interdisciplinar adotada e construída ao longo desses anos pressupõe um procedimento que parte dá idéia de que várias ciências deveriam contribuir para o estudo de determinados temas que orientariam todo o trabalho escolar. Respeita a especificidade de cada área do conhecimento, isto é a fragmentação necessária no diálogo inteligente com o mundo e cuja gênese encontra-se na evolução histórica do desenvolvimento do conhecimento. Nessa visão de interdisciplinaridade, ao se respeitar os fragmentos de saberes, procura-se estabelecer e compreender a relação entre uma totalização de construção a ser perseguida e continuamente a ser ampliada pela dinâmica de busca de novas partes e novas relações. Ao invés do professor polivalente, pressupõe a colaboração integrada de diferentes especialistas que trazem a sua contribuição para a análise de determinados temas.

Para melhor entendimento, considera-se relevante a definição de termos pertinentes ao estudo. Para Ferreira (1986) “Disciplina s.f. Regime de ordem imposta ou livremente concedida; conjunto de prescrições destinadas a garantir o funcionamento regular de uma organização”. Por sua vez, em Didática, extrai-se o conceito de disciplina como conjunto específico de conhecimentos com suas próprias características sob o plano de ensino.

No dizer de Japiassu (1976, p. 74):

Multidisciplinaridade é a gama de disciplina que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer às relações que podem existir entre elas;
Pluridisciplinaridade – é a justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas do modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas, interdisciplinaridades é a axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definidas no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de igualdade.

Surge também nas ciências da educação, a transdisciplinaridade entendida como a coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado sobre a base de uma axiomática geral, ética, política e antropológica.

Esse entender difuso nos reporta a Gadotti e Barcelos (1993, p.31):

Usamos quase indistintamente a palavra interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, embora tenham conotações diferentes (complementares, não antagônicas) para designar um procedimento escolar que visa à construção de um saber não fragmentado; um saber que possibilita ao aluno a relação com o mundo e consigo mesmo, uma visão de conjunto na transformação de sua própria situação com que se defronta em determinados momentos da vida. A interdisciplinaridade esta no âmago de cada disciplina.

“As disciplinas não são fatias do conhecimento, mas a realização da unidade do saber nas particularidades de cada uma.”

Quanto à metodologia do trabalho interdisciplinar, há um consenso entre os autores que discorrem sobre o tema, pois ele exige os seguintes requisitos:

- integração de conteúdos;
- passar de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária de conhecimento;
- superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa, a partir da contribuição das diversas ciências;
- Ensino e aprendizagem centrada numa visão de que aprendemos ao longo de toda a vida / educação permanente;

Na caminhada no sentido da operacionalização de um trabalho interdisciplinar Lück (1999 p. 82-83). Aponta alguns procedimentos essenciais para a construção do mesmo:

- Usar oportunidades para falar, expressar ideias, crítica construtiva.
- Fazer autocrítica, como um processo contínuo de compreender-se no mundo.
- Estender mais para aprofundar a prática.
- Aceitar novas idéias.
- Respeitar os limites de cada um, valorizando as idéias diferentes das próprias.
- Dar tempo aos colegas de manifestarem suas opiniões.
- Superar a insegurança.
- Trabalhar cooperativamente.
- Aceitar a possibilidade de errar.

Este trabalho requer que o professor tenha em mente ser o erro seja do colega ou do aluno como um momento de aprendizado. Foi errando que a humanidade buscou soluções para os seus questionamentos. Não, é, porém uma tarefa fácil, uma vez que a literatura omite

os erros cometidos na construção dos conhecimentos, enfatizando apenas a solução encontrada. Errar significa estar em movimento é re-aprender (Grifos nossos).

Sem dúvida, o fazer interdisciplinar através de projetos é a concretização da teoria é o momento por excelência em que o aluno tem a oportunidade de viver a crítica de criar (Grifos nossos), há muito enfatizada por Dewey (1953, p.25). “Projetar é realizar e viver em liberdade”.

Ressaltam-se que existem dificuldades de implementação de projetos em virtude das diferenças entre o currículo tradicional e o interdisciplinar, apontados a seguir:

Currículo disciplinar	Currículo interdisciplinar
Centrado nas matérias	Centrado nos problemas interdisciplinares
Conceito disciplinares	Temas ou problemas
Objetivos e metas curriculares	Perguntas, pesquisa
Conhecimento canônico ou estandarizado	Conhecimento construído
Unidades centradas em conceitos disciplinares	Unidades centradas em temas
Lições	Projetos
Estudo Individual	Grupos que trabalham por projetos
Livros-texto	Fontes diversas
Centrado na escola	Centrado no mundo e na comunidade
O conhecimento tem sentido por si mesmo	O conhecimento em função da pesquisa
Avaliação mediante provas	Avaliação mediante vivências
Professor como especialista	Professor como facilitador

*Organizado pelas autoras e extraído do livro de Lück, 1999

É preciso coragem para romper com o velho paradigma e ir ao encontro da construção social do conhecimento, à construção cultural dos sujeitos. Os docentes precisarão estar em permanente atenção para selecionar e privilegiar saberes, vivências e valores.

O que nos reporta Savater (1997, p.p 118-119):

Importante não é o que se aprende, mas, a forma de aprendê-los. De nada serve provar que em abstrato, tal o qual ciência é formadora se não se prova que a forma de ensiná-la assegura bem esse desenvolvimento intelectual, o qual depende tanto da maneira de ensinar como da matéria ensinada. Aqui está o segredo: a força ou a virtude humanista e formadora das disciplinas que se ensinaram não está em seu conteúdo intrínseco, fora do tempo e do espaço, mas na concreta forma de ensiná-las e aprendê-las aqui e agora. A questão não é o que, mas o como....

2. METODOLOGIA: FAZER A INTERDISCIPLINARIDADE COMO SUPERAÇÃO DA FRAGMENTAÇÃO DISCIPLINAR

Ao se buscar um enfoque interdisciplinar que contemplasse a integração das disciplinas, os professores formadores compostos por pedagogos, professores de Artes, Educação Física, Biologia, Português, Espanhol, Inglês procuraram delinear um conjunto de atividades de

caráter não só cognitivo, mas também social, levando em consideração o contexto escolar à história política e cultural na qual a escola e seus atores encontravam-se inseridos.

Nesta empreitada, deram início a uma série de encontros de estudos ancorados em Freire (1999), Fazenda (1999), Japiassu (1976), Kosik (1978) e outros igualmente expressivos ao tema.

Encontros, estes, tinham como objetivo traçar a linha de ação a ser adotada no projeto que se disponha a implementar a formação continuada dos professores da rede estadual do Ensino Fundamental 6º ao 9º ano e Médio, enfatizando a metodologia de educação por projetos de forma a estimular uma prática pedagógica privilegiando a experimentação, a simulação, a participação e que estivesse aberta à solução de problemas. O grupo formador comprometeu-se em elaborar com os professores cursistas projetos educacionais que induzissem a um fazer coerente com a prática pedagógica útil e prazerosa e, ao mesmo tempo instrumentalizar os professores com textos, músicas, imagens, dinâmicas e trabalhos de grupos com ênfase na construção coletiva e na negociação, levando-os a tecer redes de práticas conjuntas.

Os grupos foram divididos para darem início à concretização do objetivo precípuo do projeto “Contextualizando” que é ensinar para a compreensão, é a mudança do paradigma da escola rumo, ao pensar e fazer coletivo,” o abrir portas para um novo tempo” diagnosticando, planejando e avaliando no coletivo.

Partindo deste princípio os professores buscaram “temas geradores” que para Kramer (1993, p. 50) significam.

Exatamente a possibilidade de articular, no trabalho pedagógico, a realidade sociocultural das crianças, o desenvolvimento infantil e os interesses específicos que as crianças adolescentes manifestam bem como os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade a que todos têm direito de acesso. Os temas imprimem, ainda, um clima de trabalho conjunto e de cooperação na medida em que os conhecimentos vão sendo coletivamente construídos, ao mesmo tempo em que são respeitados os interesses individuais e os ritmos diversificados das crianças.

O que se pretendeu atingir foi o de permitir um espaço para que os professores da rede estadual discutissem, e refletissem sobre novas posturas formais e metodologias que possibilitassem aos alunos aprenderem o que precisavam como cidadãos, sabendo analisar, decidir, planejar, exporem suas idéias e ouvir os outros, de forma que os mesmos possam ter uma participação ativa sobre a sociedade em que estão inseridos.

A metodologia utilizada foi de distribuir a carga horária de 40 horas em módulos contemplando Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, assim distribuídas:

- Workshop de Relações Interpessoais – 4h
- Legislação e reforma do Ensino Fundamental e Médio – 4h
- PCN – Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio (módulo I) – 4h
- PCN e o Ensino da Área (módulo II) – 8h
- Projeto de Ação Pedagógica I – Fundamentação e conceito de Projetos – 4h
- Projeto de Ação Pedagógica II – Planejamento – elaboração de um Projeto aplicando os conceitos do PCN a uma situação-problema de ensino Fundamental ou de Ensino Médio – 12h.
- Projeto de Ação Pedagógica III – Apresentação – cada equipe/grupo apresentou para a turma o seu projeto para escolha do que estivesse melhor elaborado – 4h

A implementação do projeto, em seu decorrer, teve como fio condutor levar os professores a refletirem sobre sua prática cotidiana, planejamento de aulas, desenvolvimento do currículo, produção de materiais didáticos e avaliação dos resultados, atentando sempre para as contribuições das novas tecnologias da informação e comunicação como atividades práticas que ampliassem o raciocínio e a capacidade de aprender, enfrentando desafios de forma a evitar a compartimentalização dos conhecimentos.

Considerações finais

Nem tudo que somos nos pertence, somos o que resultamos de tudo. Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou (Fernando Pessoa).

Os projetos demonstraram a preocupação dos mestres com a escola do século XXI.

Escola esta que busca a democratização do acesso aos saberes, que procura desenvolver a autonomia dos sujeitos, o senso crítico, as competências, quando o professor não se limita apenas a transmitir conteúdos e sim, orientar os saberes, propiciando situações reais de aprendizagem, para que não haja dicotomia entre escola e sociedade, convivendo e respeitando a diversidade e pluralidade que é a marca do nosso tempo.

Neste espaço de aprendizagem, o professor no pautar-se por uma postura crítica e reflexiva, inova, negocia e proporciona o debate a partir da dialética proposta como afirma:

Kosik (1996:18) “para que o mundo possa ser explicado “criticamente”, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da “práxis” revolucionária”.

Freire (1998:58) propõe repensar a missão de ser professor e fazer da prática pedagógica instrumento de modificação da realidade porque o cotidiano escolar não é movido a teoria, nem a tematização, nem tão pouco a discursos críticos. É movido por valores, sentimentos, pensamentos, concepções culturais, escolares e profissionais de forma a propiciar uma luta contra o instituído, criando espaços instituintes, tendo o prazer de ser gente:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros que não mentirei escondendo o sem valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu destino não é dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura toma parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo...

Sem dúvida, os encontros, facilitados pelo projeto, forneceram ao professor ferramentas para lutar contra este enorme emaranhado burocrático da fragmentação disciplinar que permeia nossas escolas. Que esta prática se reforce cotidianamente, crie estruturas sólidas e de apoio mútuo, de redes práticas coletivas, formulando uma ação educativa mais igualitária, fazendo história, sendo agente e paciente deste ciclo de mudanças e inovações.

É certo que neste espaço de tempo os objetivos foram atingidos, haja vista o grande número de unidades escolares que incorporam em seu fazer atividades culturais e lúdicas de forma entrelaçada aos conteúdos curriculares, levando os alunos a aprender a aprender prazerosamente conforme diz Arroyo (2000) quando enfatiza que *transgredir é o verdadeiro ofício do mestre*.

Referências bibliográficas:

ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CAPRA, F. *Ponto Mutacional*. São Paulo: Cultrix, 1996.

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. *Relatório para a UNESCO da Comissão internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 2002.

DEWEY, J. *Como pensamos*. São Paulo: Nacional, 1953.

- FAZENDA, I. C. A. (Coord.) *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas, SP: Papirus, 1999, p. 30.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GADOTTI, M; BARCELLOS, G. S. *Construindo a escola cidadã no Paraná*. Brasília, DF: MEC, 1993 (Cadernos Educação Básica).
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KRAMER, S. *Com a pré-escola nas mãos*. São Paulo: Ática, 1993.
- LUCK, H. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- PETRAGLIA, I. *Interdisciplinaridade: o cultivo do professor*. São Paulo: Pereira, 1993.
- PONTUSCHKA, N. N. (Org). *A ousadia do diálogo: interdisciplinaridade na escola*. São Paulo: Loyola, 1993.
- SAVATER, F. *El vador de educar*. Barcelona: Abril, 1997.

Interdisciplinarity: old or new thinking?
(Rethinking theory and practice in the project "Contextualizing the greatest
areas of knowledge")

Ilda Maria Baldanza Nazareth Duarte
Vera Lucia de Souza Neves
Universidade Iguazu

Abstract: This article aims at reporting the experiences of the project "Contextualizing the greatest areas of knowledge", a partnership between UNIG and RJ-SEEDUC, whose target audience was composed by secondary school teachers of Public High Schools. We searched for an interdisciplinary approach that consisted in the integration of disciplines, drawing on a set of cognitive and cultural activities. The methodology used was the distribution of 40 hours in modules, covering language, codes and their technologies, developed with the participation of teachers from interdisciplinary educational projects. The research focused on the reflection

on everyday practices, planning lessons, materials production, evaluation, highlighting the work of new technologies and how well they were experienced inside schools.

Key words: Interdisciplinarity. Context. Compromise. Colectivity. Transformation.